

29o DOMINGO (TC) – REZAR SEMPRE E CONSTANTEMENTE

Jesus no Evangelho deste domingo exorta sobre a necessidade da oração. Lucas inicia lembrando que Jesus insistia na necessidade de **rezar sempre, “constantemente e não desanimar jamais”**. As expressões traduzem algo como fundamental e essencial para nós discípulos. Não se trata de passar o dia e a noite em oração (nem os religiosos nos conventos conseguem isto), mas de uma **atitude de comunhão e intimidade para com Deus que seja constante e perseverante, não porque Deus necessita disto, mas nós é que precisamos para “não desanimar” em nossa vida espiritual.**

Contando uma parábola, **Jesus parte de uma situação negativa e extrema entre uma viúva e um juiz para tirar uma lição para nós e nossa vida de oração.** Na história, os personagens são imaginários e não representam necessariamente os cristãos (viúva injustiçada) e nem Deus (juiz iníquo). Mais uma vez, temos uma parábola que encontramos somente no terceiro Evangelho e com características próprias: duas pessoas em posição oposta; personagem que pensa (fala) consigo mesmo...

Tudo ocorre em uma cidade onde todos se conhecem. Jesus descreve inicialmente o juiz e o apresenta como alguém infiel a sua profissão e aos mínimos princípios humanitários. O juiz é descrito como injusto e nada se sabe sobre o seu modo de agir. Ele nega auxiliar a viúva somente porque não quer agir, **é um profissional que não faz o que se deve e age somente quando há vantagens pessoais.** De fato, naquele tempo, muitos se deixavam corromper e esperavam sempre tirar vantagens financeiras dos casos que julgavam. **Na parábola, o juiz não via nenhuma vantagem pessoal, defender a viúva.** Eram os corruptos da época que agiam somente por interesses pessoais. Por isso, por duas vezes, lemos que o juiz “não temia Deus e nem respeitava os homens”.

A viúva é retratada no seu modo de agir, nada se diz sobre sua pessoa, mas que é insistente na busca de justiça para uma situação de injustiça pessoal. A mulher não pede algo exagerado ou além da capacidade do juiz de realizar, **solicita somente que ele cumpra o seu papel de mediador e que resolvesse sua situação contra um adversário.** Sua ação é descrita como persistente e continuada, isto por um bom tempo.

Jesus prossegue a história nos apresentando o que pensou o juiz depois da insistente solicitação por justiça por parte da viúva. Ela não usa de injustiça, não apela com ameaças e não lhe oferece vantagens, ela não se iguala ao juiz. Pensando consigo, ele se mostra em toda sua arrogância e soberba. O juiz, em relação a Deus, ele não O teme, assim, não se trata de alguém que não crê em Deus, segundo Lucas, **o juiz não O temia, pois se sentia como igual a Deus.** Em relação aos homens, ele “**não respeita**”, isto é, **age somente segundo suas vantagens e caprichos pessoais.** Com este pensamento, o iníquo juiz vê todos os homens como inferiores e submissos a sua vontade. Ele avalia a sua influência sobre a vida dos outros como se fosse uma divindade e assim, não age segundo as leis, mas segundo seus desejos pessoais. Com este autorretrato de extrema arrogância, no extremo oposto, encontra-se uma mulher, viúva que não tinha nenhum poder (ainda por cima sofria injustiça de alguém). Mas, **ela tinha uma preciosa “arma” para pressionar o juiz injusto: a insistência.** Certamente, a mulher ao exigir que o juiz cumprisse sua obrigação e resolvesse o seu problema, cotidianamente, depois de certo tempo, o juiz se aborreceu. **A mulher era a “consciência” do ofício de juiz que ele tinha perdido, ela funcionava como um alerta para aquilo que ele realmente deveria ser e fazer em sua profissão: cumprir a lei e auxiliar as pessoas em casos de injustiça.** O aborrecimento que o juiz quer se livrar ao atender a viúva, na realidade, era a sua consciência que pesava. Ainda por cima, ela poderia manchar sua imagem de juiz e atrapalhar futuros serviços com outras pessoas, pois, ele era juiz da cidade e, certamente, era conhecido. O magistrado, por fim, decide agir como juiz não por nobres motivos (atender uma viúva injustiçada), mas para se livrar de um aborrecimento e por temor de um vexame que a mulher poderia cometer no futuro. Ele age para preservar sua situação, sua imagem e não ser prejudicado em suas vantagens. Entre os dois existe um abismo e se aproximam somente por obrigação da parte do juiz e por necessidade da parte da viúva.

O juiz faz o certo com motivações erradas. **O que lhe foi pedido era simples e fácil, mas como se tratava de uma viúva e sem nenhum benefício em vista,** a arrogância pessoal somente lhe trouxe aborrecimento e a mulher se transforma em sua consciência pública. Fazer o certo com motivações corretas e

justas seria mais fácil e até mais vantajoso para o juiz, pois lhe traria prestígio entre as pessoas, mesmo que não tivesse vantagens financeiras.

Partindo desta história, Jesus procura transportar tudo para uma história positiva, de relacionamento fecundo entre Deus e o fiel que reza sempre. Com palavras firmes, Jesus parte das palavras do juiz injusto que, mesmo não querendo, faz algo por causa da insistência da mulher. Pois bem, **Deus não age e nem se comporta do mesmo jeito.** Ele escuta seus filhos e filhas em suas constantes orações (dia e noite); não deixa ninguém esperando e faz justiça bem depressa. Isto porque **Deus é sempre misericordioso para com cada pessoa, conhece nossas necessidades e está pronto a nos ajudar.** Mas, por que nem sempre isto acontece em nossa vida? Por que temos a sensação que algumas de nossas orações não são atendidas por Deus?

É necessário recordar que tudo está sendo usado para mostrar a necessidade da oração, mas o que é realmente rezar para Jesus? **Não oramos a Deus para convencê-Lo sobre nossos problemas, nem para exigir que atenda nossos pedidos, nem para conseguir mudar Sua vontade e Ele, assim, se conformar aos nossos pedidos.** Deus não é como o juiz na parábola: interesseiro, injusto e vê somente proveitos pessoais. **Deus nos conhece, sabe de todas as nossas necessidades** e realmente aquilo que precisamos, quando e como precisamos.

Devemos rezar sempre para mantermos sempre um canal de comunicação aberto para Deus. Diante de um problema, nós vemos o momento e o seu drama diário, **Deus vê com profundidade toda nossa história.** Deus sempre está pronto a nos ajudar, mas sempre nas circunstâncias que Ele achar melhor. Mesmo que não nos conceda exatamente aquilo que pedimos, **somente nosso Deus é capaz de perceber o que é melhor para cada um de nós.** Precisamos rezar sempre para adequarmos nossos corações à vontade e à providência de Deus para que, no momento certo e na circunstância justa, Ele possa nos ajudar sempre.

A oração constante nos ajuda a moldar nossa vida ao amor de Deus, mas também ao tempo de Deus. Os santos aprenderam a não pedir a Deus por suas necessidades, mas a se colocar diante de Deus para cumprir sua vontade. Precisamos ser pessoas de oração que ampliem sua relação com Deus saindo do campo somente pessoal e quase egoísta (somente meus problemas). **Moisés (na primeira leitura)** tinha descoberto que o seu modo de oração e intimidade com Deus influenciava todo seu povo. **Enquanto intercedia por todos, tudo transcorria positivamente, mas quando desanimava, até mesmo pelo cansaço, tudo acontecia ao contrário.**

A Palavra de Deus (cf. segunda leitura) é um precioso instrumento para nos ajudar a entender a vontade de Deus bem como nos ajuda em nossa comunhão para com Ele. A oração para Jesus é como a paixão que une um casal: mesmo distante fisicamente, cada um se sente sintonizado no amor e no carinho da outra pessoa. Nosso Deus e Pai quer sempre o nosso bem, mas precisamos aprender a nos conformar a esse bem e aceitar sua vontade no tempo e no modo que Ele conhece e acha melhor para cada um de nós.

Pe Dirlei